



UFRGS

SABi



05914796

O BISTURI

CENTRO ACADÊMICO SARMENTO LEITE - FACULDADE DE MEDICINA - UFRGS

N.º 3

Porto Alegre, Agosto/Setembro de 2002

ANO 57

A OCUPAÇÃO DO ICBS POR UM
ESPAÇO DE VIVÊNCIA, POR
DIÁLOGO E POR RESPEITO



(51) 3318.3501

POA

PRODUÇÕES

Especializada em formaturas

R. Marcone, 575 - Porto Alegre

☎ 3318-3501 & 3318-3741

www.poaproducoes.com.br

e mais: PROVÃO
extensão pesquisa
erem/ecem
autonomia universitária

Na última edição de O Bisturi o Prof. Sérgio Goldani comentou sobre o medo asfixiante que recaiu sobre a FAMED-UFRGS durante os anos de chumbo. Desde então, a liberdade de expressão e a curiosidade intelectual (latu sensu) têm estado em hibernação na Casa de Sarmiento. Entretanto, nesses últimos tempos houve uma nítida guinada para a criatividade e ousadia construtiva nesta faculdade: Operação R, Saraus, reedição de O Bisturi, projetos de extensão, Prata da Casa, mostras de filmes, etc. Enfim, há indícios de que o inconsciente coletivo desta academia esteja superando a autocensura e a submissão intelectual implantadas pela ditadura. Essa última eleição para o CASL, com 252 votantes, foi uma das mais expressivas dos últimos tempos, configurando essa tendência democrática. Entretanto, 252 votos num universo de 800 alunos demonstra que ainda há um longo caminho a ser percorrido... Saibam que o CASL está abrindo portas para aqueles que querem uma universidade estimulante e de van-guarda... é neste contexto que ressurge O Bisturi... um jornal formador de opinião, que já foi censurado e queimado, um jornal com história; enfim, um instrumento fundamental para fomentar debates de grande relevância para a comunidade acadêmica.

Enrique Barros - ATM 06/2
Secretário de Comunicação

Leia nesta edição:

Notícias – pág. 3
Extensão – pág. 4
Projetos Viva Saúde e Coxilha da Cruz
Entrevista – pág. 6
Morten Rustrip e MSF
Janela – pág. 7
Uma janela para a comunidade -
Wrana e a Autonomia Universitária
CAPA – pág. 8
A Retomada do ICBS

Canal Aberto – pág. 10
O Canal de expressão e opinião dos alunos
Sinapse – pág. 12
Provão, EREM, ECEM
Pesquisa – pág. 14
Agenda – pág. 15
Literatura – pág. 16
Poesia, charges, literatura

GESTÃO 2001/2002 SE DESPEDE

Presidente: Maria Helena Werle (Nena) – ATM 03/2
Tesoureiras: Júlia Maria Rostirolla Schmit – ATM 05/1 e Juliana Tainski de Azevedo – ATM 05/1;
Coordenador de Representantes Discentes: Mariana Carvalho – ATM 07/1, Marcos Breunig – ATM 06/1 e Felipe Proença – 03/2;
Secretaria de Extensão Universitária: Tazio Vanni – ATM 03/2 e Patrícia Paludo – ATM 05/1;
Secretaria Cultural: Patrícia Massena – ATM 05/1 e José Nicoletti Filho – ATM 03/1;
Secretaria de Comunicação: José Márcio Vieira Fogaça – ATM 06/2 e Clarissa Carvalho – ATM 03/2
Secretaria de Esportes: Leandro Cury (Barretos) – ATM 04/1

REDE DE AJUDA:

ATM 02/2: Sarah; ATM 03/2: Juliana, Cristian, Adriano, Maurício; ATM 04/1: Ângela, Ricardo Becker; ATM 05/1: Lenise, Paulo, Ana Gelatti, Ana Paula, Eduardo Weiler, Luciano Fochesatto; ATM 05/2: Luciano Lunardi, Nívio, Felipe Wagner; ATM 06/1: Gabriela, Shanna; ATM 06/2: Enrique, Lucas Nascimento; ATM 07/1: Maira, Mariana, Leonardo, Laura, Livia e Rafael

NOVA GESTÃO - 2002/2003

Presidente: Tazio Vanni – ATM 03/2;
Vice-Presidente: Juliana Tainski de Azevedo – ATM 05/1
Tesoureiras: Maria Helena Werle – ATM 05/1 e Marcos Adams Goldraich – ATM 06/2;
Secretaria de Extensão e Científica: Tiago Navas – ATM 05/2 e Nívio Lemos Moreira Júnior – ATM 05/2
Secretaria de Comunicação: Enrique Barros – ATM 06/2
Secretaria de Ensino Médico: José Márcio Vieira Fogaça – ATM 06/2;
Secretaria Cultural: Ana Gelatti – ATM 05/1;
Secretaria de Esportes: Eduardo Maia Weiler – ATM 05/1
Secretaria de Relações Exteriores: Ana Paula Kurz Boer – ATM 05/2
Coordenador de Representantes Discentes: Mariana Carvalho dos Santos – ATM 07/1, Marcos Breunig – ATM 06/2

REDE DE AJUDA:

ATM 03/2: Juliana, Cristian, Adriano, Maurício; ATM 04/1: Ângela, Ricardo Becker; ATM 05/1: Lenise, Paulo, Luciano Fochesatto; ATM 05/2: Luciano Lunardi, Felipe Wagner; ATM 06/1: Gabriela, Shanna; ATM 06/2: Lucas Nascimento; ATM 07/1: Maira, Mariana, Leonardo, Laura, Livia e Rafael; ATM 07/2: Christian

EXPEDIENTE

Equipe Editorial: José Márcio Fogaça – ATM 06/2; Clarissa Carvalho – ATM 03/2, Enrique Barros – ATM 06/2; Luciano Fochesatto – ATM 06/1, Marcos Breunig – ATM 06/2, Cristian Kieling – ATM 07/2

Edição e reportagem: Gisele Souza Neuls – 5º sem. jornalismo FABICO/UFRGS

Endereço: Ramiro Barcelos, 2400 – Faculdade de Medicina Porto Alegre/RS Fone 3316-5609

Tiragem: 1.500 exemplares

Periodicidade: bimestral

Publicidade: nosso público são os cerca de 800 estudantes de medicina da UFRGS, além disso atingimos professores, funcionários e estudantes de outras faculdades e inclusive de outros estados.

Contato: o_bisturi@yahoo.com.br, ou 9167 0790 – Gisele
Os artigos assinados nas seções Canal Aberto, Humor e Literatura não expressam necessariamente a opinião deste jornal do Centro Acadêmico Sarmiento Leite.

ELEIÇÕES PARA O CASL

A nova gestão do CASL foi eleita em 8 de Agosto. Do total de 252 votos, 244 foram para a Chapa Única, 4 em branco e 4 nulos. Quem desejar conhecer a nova gestão, pode comparecer nas reuniões ordinárias do CASL, toda terça-feira, meio dia.

PASSAGEM ESCOLAR

Estamos devendo um pedido de desculpas para ao alunos e alunas que encaminharam suas carteirinhas no CASL em julho. Infelizmente, atrasamos muito para entregar as carteiras porque nosso contrato com a EPTC havia vencido e não conseguimos renovar com a ligeireza que desejávamos. A situação já está normalizada, pedimos desculpas mais uma vez para a galera que deixamos na mão por algumas semanas, e a promessa de que isso não vai se repetir.

ADESIVOS, PASTAS, CAMISETAS E AFINS

Os novos adesivos para vidro chegaram e estão sendo vendidos a R\$1,00 cada, além de poderem ser adquiridos em troca de notas fiscais do Barba Livros. Cada nota vale um adesivo. Quanto às pastas e camisetas, o CASL está preparando um grande lançamento para a Semana Acadêmica 90 Anos, que acontecerá em novembro. Durante o mês de agosto estarão sendo recebidas sugestões de estampas e modelos para esses materiais, na Secretaria do CA, ou pelo casadesarmento@yahoo.com.br.

XEROX DO CASL

Dia 17 de julho o CASL desativou temporariamente os serviços de xerox. Na tentativa de oferecer um serviço de melhor qualidade, sem atrasos nem capítulos copiados por engano, optamos por romper o contato com o antigo locatário, Samuel, e buscar outro serviço. Até o momento do fechamento dessa edição, o CASL ainda estava estudando duas propostas para retomar o Xerox com o mesmo preço e mais qualidade. A situação deve voltar ao normal em breve. Contamos com a colaboração dos professores para que deixem suas pastas no CASL, permitindo aos estudantes acessarem seus polígrafos sem deixarem fortunas nas copiadoras das redondezas.

FESTAS

A Festa de Abertura do Semestre, que aconteceu no Salão da FAMED dia 07 de junho foi um arraso! A forte chuva que caiu na cidade durante o dia todo e o frio que tomou a noite não arrefeceram os ânimos para a festa mais esperada da Faculdade. Mais de 500 pessoas participaram da festa, que se estendeu até quase cinco da madrugada, sem incidentes. Nem tudo ficou bem, no entanto. Apesar do sucesso reconhecido e da responsabilidade com que utilizamos o espaço contratando serviços de segurança e limpeza, duas semanas depois dessa grande confraternização, o CASL recebeu um ofício da Direção informando que está proibida a realização de qualquer tipo de festa no Salão.

A chuva atrapalhou a Festa Julina do CASL, dia 06 de julho. Foram apenas duas barraquinhas das ATM 05/2 e 06/1, uma da Nutrição, uma organizada pela Clarissa Carvalho, da ATM 03/2 para o ECEM e a do CASL. Mesmo assim, com um público de cerca de 50 pessoas, o forró que começou lá pelas cinco da tarde se estendeu até as onze horas. Parabéns para quem não se desanimou com o mau tempo!

DCE REALIZA ELEIÇÕES

De 26 a 28 de Agosto, o DCE da UFRGS estará realizando as eleições para a nova gestão. São seis chapas disputando o pleito. Vale lembrar que o DCE representa os cerca de 20 mil estudantes da graduação nas instâncias internas da Universidade – Conselho da Universidade, Conselho de Ensino e Pesquisa, de Extensão etc. Além de externas como a UNE.

VERBAS PARA DOUTORANTOS

Na última edição de O Bisturi, a seção Canal Aberto publicou um texto do então doutorando Rogério Balbão sobre os problemas enfrentados no internato. O texto "Doutorandos ou escravos?" cita a possibilidade de existência de uma verba específica para alimentação dos internos que não é recebida ou utilizada. Mesmo se tratando de um artigo de opinião sobre o qual este jornal não se responsabiliza, fomos cobrados pela direção a apresentar provas documentais da existência de tal verba. Estamos realizando consulta jurídica sobre o caso e publicaremos seu resultado na próxima edição.

Tá sem grana pra nada?

Sempre tem um livro empoeirado na estante...

SEBO DO CASL

EM BREVE

Parceria CASL - Sul Brasileira

Sua nota vale um adesivo. Pegue um cartão carimbado pelo CASL, faça sua compra e ainda ganhe um desconto especial!

Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula um intercâmbio de conhecimentos científicos e populares reafirmando o compromisso social da universidade com a democratização do conhecimento.

Inúmeros projetos são realizados a fim de proporcionar um complemento na formação acadêmica, sendo que muitas vezes há a possibilidade de desenvolver

trabalhos interdisciplinares que ampliam a visão não só de saúde, mas também de mundo. A partir de tais projetos passamos a analisar de forma mais crítica os conhecimentos de sala-de-aula uma vez que percebemos as peculiaridades existentes na comunidade.

O conhecimento teórico adquirido em anos de estudos é, sem dúvida imprescindível para a formação profissional, no entanto, é esperado de

um bom profissional muito mais do que excelência técnico-científica.

A partir dessa edição do Bisturi estaremos divulgando os projetos de extensão da faculdade e informando o que você precisa fazer para participar. Caso você participe de um projeto e deseje divulgá-lo, entre em contato conosco no Centro Acadêmico Sarmiento Leite.

PATRICIA PALUDO – ATM

SECRETARIA DE EXTENSÃO – 2001/2002

PROJETO COXILHA DA CRUZ

uma experiência de saúde na cultura indígena

Felipe Hauber ATM 06/1

O Projeto Coxilha da Cruz está sendo desenvolvido por acadêmicos de Medicina com o apoio do CASL. A atividade é realizada em uma comunidade indígena Guarani assentada na cidade de Barra do Ribeiro, na área que dá nome ao projeto. Sendo composta por cerca de apenas 50 pessoas, a comunidade Coxilha da Cruz é o objeto perfeito para o desenvolvimento da idéia.

O primeiro contato com os indígenas da região se deu durante uma reunião do Conselho Municipal de Saúde da Barra do Ribeiro, quando um dos acadêmicos conheceu o conselheiro indígena da região que relatou a situação precária em que vivem.

O assunto foi levado ao CASL e, após algumas discussões, logo surgiu o desejo de estabelecer uma relação de ajuda. A comunidade, apesar de informar que havia até uma palavra em guarani que descrevia as “promessas que o branco faz e que não cumpre”, aceitou a proposta. A disposição do grupo é realizar uma tarefa para a qual não são treinados durante o Curso de Medicina.

Existe uma grande diferença

entre as visões do “branco” (entenda-se “população não-indígena”) e do índio. O conceito saúde/doença do índio envolve componentes sobrenaturais, os quais exercem mais influência na resolução de um problema dos que os componentes físicos, como remédios (remédios do “branco”). Logo, a abordagem do grupo deve respeitar tais conceitos e conseguir interagir com eles.

A associação de tais conhecimentos demonstrará à comunidade como cuidar de sua saúde respeitando a própria cultura, o que solidifica o sentimento de *povo* com sua herança cultural. Devido à extrema complexidade dessa interação, a ajuda do Pólo de Saúde Indígena e de professores de outras áreas, como Antropologia, é fundamental.

Essa ajuda vem sendo realizada através de encontros e de oficinas para a capacitação dos alunos.

O tema gerador será o combate às enteroparasitoses, afecção endêmica citada por eles como um problema sério, que já levou uma criança de outra comunidade à morte há poucos meses.

Apesar da grande motivação dos estudantes e do empenho por

encontrar um professor orientador para o projeto, o máximo conseguido, foram colaboradores – o que é de extrema importância. Esse fato acaba tornando-se um empecilho para o desenrolar do plano, pois a ausência de um orientador dificulta a aquisição de verbas para a realização do projeto, mesmo tendo um orçamento baixo. As visitas feitas até a Coxilha da Cruz, que fica cerca de duas horas de Porto Alegre, foram custeadas até agora pelo CASL e pelos próprios integrantes do grupo.

O diferencial do projeto se dá por sua intervenção, feita de acordo com as demandas da comunidade, transmitidas ao grupo de acadêmicos durante os encontros na Coxilha da Cruz.

O objetivo é elaborar um plano modelo, executá-lo e, futuramente, expandir a experiência para mais comunidades indígenas carentes e, assim, proporcionar essa oportunidade a outros tantos acadêmicos “ávidos” por vivenciar outras culturas.

Para saber mais

fhauber@uol.com.br

Felipe Hauber é integrante do grupo que elaborou e está executando o Projeto Coxilha da Cruz.

VIVA SAÚDE COMPLETA CINCO ANOS

Lenise Valler - ATM 05/1

O Projeto VIVA SAÚDE iniciou em 1998, quando duas acadêmicas de medicina da UFRGS foram convidadas para dar uma palestra em uma escola pública de Porto Alegre. A experiência acabou tornando-se um Projeto de Extensão Universitária muito procurado pelas escolas e este ano conta com cerca de 30 acadêmicos preparados para iniciar visitar escolas levando informações qualificadas sobre saúde, sexualidade e drogas, numa linguagem acessível e adequada ao público jovem.

Desde sua criação, o Projeto tem passado por algumas modificações, sempre visando a prática dos novos conceitos discutidos dentro dos trabalhos de Extensão: interdisciplinaridade, troca de experiências com a comunidade, continuidade do trabalho. Até o início deste ano, aproximadamente 30 escolas foram visitadas, com cerca de 2.700 alunos atingidos. O público alvo são estudantes da rede pública de Porto Alegre, da 5ª à 8ª série do Ensino Fundamental. Entretanto, o VIVA SAÚDE já realizou atividades com a 4ª série e Ensino Médio. Dado que a demanda é grande, o grupo atende cinco escolas públicas para cada escola particular.

PARCEIROS – Vinculado à Pró-Reitoria de Extensão, o VIVA SAÚDE recebe uma Bolsa para estudante de graduação e apoio na divulgação, emissão de certificados e participação em Congressos Extensionistas, além de contar com apoio do Núcleo de Pesquisa em Antropologia do Corpo e da Saúde (NUPACS). Extramuros, mantêm-se contato com o Grupo Hospitalar Conceição, inclusive buscando vincular as escolas trabalhadas aos

Postos de Saúde das suas respectivas regiões; com a Secretaria Estadual de Educação e Saúde, que fornece preservativos, material publicitário e divulgou a última edição do curso, além de disponibilizar profissionais; e com o Grupo “Ky ú sapu caia na gandaia”, um grupo de alunos de uma escola de Sapucaia do Sul que faz um trabalho semelhante e vem trocando experiências com o Projeto.

METODOLOGIA – O trabalho fundamenta-se na oportunidade de se abordar assuntos geralmente tabus entre os adolescentes – como sexualidade, anticoncepção, DSTs, drogas – a partir do conhecimento científico adquirido dentro da Universidade, contribuindo para a disseminação de uma informação correta a respeito desses tópicos e permitindo uma vivência extremamente rica para os futuros profissionais. Desenvolvido em duas etapas, inicia oferecendo o Curso de Capacitação de Multiplicadores duas vezes por ano, geralmente em março e agosto. Esse curso é dividido em duas partes: a primeira é teórica, com palestras sobre os assuntos trabalhados e a segunda aborda as dinâmicas e técnicas de sensibilização utilizadas nas visitas às escolas.

Quem realiza o Curso e tem interesse em permanecer no Projeto, assiste a uma reunião em que é explicada a sua estrutura e formam-se as duplas ou trios para trabalhar. Nessa reunião o pessoal é dividido conforme o horário disponível em comum, tentando deixar sempre um monitor antigo e um novo. Há uma lista de escolas interessadas com seus respectivos contatos e cada grupo deve entrar em contato com sua escola e marcar uma reunião com o professor responsável para então

agendar os horários com as turmas. São cinco encontros com cada turma, abordando os assuntos básicos e tendo liberdade para trabalhar temas extras, conforme o que for demandado pelos alunos e alunas. Além disso, a cada três semanas há uma reunião com todos os grupos para discutir o andamento das atividades e compartilhar eventuais problemas.

Este ano, para atender um grande número de pessoas que buscavam o Projeto, a Equipe Coordenadora ampliou o número de vagas do Curso de Capacitação e realizou o curso “Saúde do Adolescente” no Hospital de Clínicas de Porto Alegre, no dia 26 de Junho de 2002. Mais de 300 pessoas se inscreveram e destas, aproximadamente 10% permanecerão no projeto como monitores, a fim de realizar as atividades nas escolas.

APRENDIZADOS – Mais do que o sucesso em renovar o projeto com novos acadêmicos de faculdades de todas as áreas da saúde da UFRGS e de outras Universidades, o Projeto VIVA SAÚDE conseguiu oportunizar o curso para um número considerável de pessoas da comunidade, interessadas em saber um pouco mais sobre Adolescência.

As inúmeras lições que ficam a cada encontro com os adolescentes, a cada troca de experiências, permitem aos acadêmicos construir novos questionamentos e reflexões, e certamente contribuem para a formação de um novo tipo de profissional, preocupado com a saúde e com a pessoa e não apenas com a doença, um órgão ou sistema específico.

Para saber mais
www.viva.rg3.net

Lenise Valler é membro da Equipe Coordenadora do VIVA SAÚDE
Colaborou Gisele Neuls - Fabico

ENTREVISTA

SOLIDARIEDADE NO FRONT O trabalho dos Médicos Sem Fronteiras

No início de fevereiro, Bixana “Carolina” Baldoni, estudante da Faculdade de Medicina de Botucatu –UNESP, conversou com o Dr. Morten Rustrip durante o 2º Fórum Social Mundial. Mortem é Presidente dos Médicos Sem Fronteiras, ONG que recebeu Prêmio Nobel de 1999 pelo conjunto de seu trabalho humanitário. A entrevista, publicada em O Esteto & Pé de Atleta, jornal do Centro Acadêmico Pirajá da Silva, foi gentilmente cedida para O Bisturi.

Bixana — Como é ser responsável pela saúde dos refugiados de guerra?

Mortem — Nós não podemos imaginar o que é ser vítima da guerra. É ridículo quando uma organização que se julga humanitária não vai para a selva levar comida aos refugiados.

O que fazemos não é caridade simplesmente, é ação séria de uma organização de cunho humano que luta pela saúde. Esta ação se baseia em revelar a injustiça, olhar o que está acontecendo naquele e neste lugar. É insistir na responsabilidade política ao falar o que estamos vendo.

É nosso dever divulgar, por exemplo, que na África, a AIDS e a Doença do Sono estão crescendo em níveis alarmantes. A saúde mental das vítimas da guerra está piorando. A infraestrutura está destruída. Se somos profissionais da saúde, temos que lutar por ela em qualquer canto do mundo.

Bixana — Na guerra de 1999 na África, sabe-se que houve alguns problemas com a Comunidade Internacional que intermediava a ação humanitária. Como foi a atuação do MSF nesse caso?

Mortem — Em 99, no Zaire, milhares de refugiados tentaram voltar para Ruanda em tanques de guerra lotados. Esta volta deveria ser intermediada pela Comunidade Internacional (CI), através de uma ação humanitária (ONGs, MSF) para garantir a vida das vítimas. Mas esta ação não ocorreu – e isso aumentou a crise e a miséria – e assim surgiram várias epidemias.

A CI queria um final feliz, mas este não foi o de mais de 200 mil refugiados

que não voltaram para Ruanda, foram para o Congo e acabaram assassinados por forças militares. No Congo estas forças estavam aptas a atacar qualquer um que atravessasse a fronteira. Foi um grande genocídio, mataram-se milhares de civis.

Nós tentamos entrar na floresta do Congo, mas os militares não deixaram. Eles queriam caçar os refugiados e nos negaram acesso.

Isso ocorreu descaradamente, tanto é que após a guerra, quando várias pessoas já haviam morrido, a CI reconheceu que os soldados barraram a ajuda humanitária. Para mim foi frustrante cuidar da saúde apenas daqueles que ficaram como refugiados. O mais frustrante foi que a CI apoiou a política de restrição que visava manter as pessoas dentro do país. Fez-se

Hoje, homens e mulheres de 20 anos de idade ainda não sabem o que é paz, viveram a vida inteira em guerra.

A criação de um fundo emergencial não basta. Vejam resultado do atual, o que mudou? Nada.

política de contenção e descaradamente fecharam-se as fronteiras. As pessoas foram mantidas como reféns no próprio país. Todos sabiam o que estava acontecendo nesses locais: um verdadeiro genocídio entre civis e militares.

Hoje, homens e mulheres de 20 anos de idade ainda não sabem o que é paz, viveram a vida inteira em guerra.

Se nós dizemos que não houve 3ª Guerra é porque não vemos que há dezenas de conflitos e as pessoas continuam a morrer.

Bixana — Os países desenvolvidos e em desenvolvimento têm promovido uma política excedente: investe-se em tecnologia, em guerras, enquanto se deixa à margem os

investimentos em bem estar social, como a saúde. Em meio aos descompromissos vigentes, como é a atuação de um médico sem fronteiras?

Mortem — É ainda difícil para mim, como médico, encarar essas situações de governos que tendem a ficar alheios. Mas temos que, conjuntamente, salvar vidas. Então é necessário provocar os políticos e tomadores de decisão que elegemos, para ajudarmos a acabar com a injustiça.

Não queremos fazer parte de uma estratégia política, pois os políticos podem usar as organizações humanitárias. O nosso papel é restaurar a dignidade das pessoas que passam por uma crise e o papel dos gestores é recomendar modelos de desenvolvimento para a sociedade.

Nós somos uma organização neutra e imparcial. Num conflito, prestamos socorro a quem esteja sofrendo, independente do lado em que está. Em Anaecobi houve uma das experiências mais tristes que já vivi. Numa favela, havia jovens indianos com tuberculose, como consequência do HIV. Estavam agonizando porque não tinham acesso às drogas necessárias. Sabe-se que aqueles jovens poderiam ter condições de uma vida melhor, sabe-se que há possibilidade de melhora. Foi triste ver o descaso com aquelas pessoas que paradoxalmente serão o futuro daquele país.

A criação de um fundo emergencial não basta. Veja o resultado do atual, o que mudou? Nada. Os fundos e financiamentos foram aplicados na guerra contra o terrorismo. Perdeu-se o código de ética e permitimos que dirigentes fizessem isso.

A solidariedade tem que ser algo que apresente propostas, é necessária a contribuição das pessoas que tenham respeito pela diversidade. Só na América Latina milhares de povos têm sonhos em ser livres. Nossa dignidade não tem preço! É provável que tenham colocado um preço nas terras, nos rios, mares, mas a única coisa que sabemos na luta da saúde é a luta pela dignidade das pessoas.

A questão da "autonomia" no cotidiano da UFRGS

Wrana Maria Panizzi
Reitora da UFRGS

Poucos membros de nossa comunidade universitária têm uma visão de conjunto da UFRGS e, em certa medida, é normal que isto aconteça. A UFRGS é uma "organização complexa", como dizem os nossos especialistas em administração e, como instituição, é parte de um sistema igualmente complexo, o Sistema Federal de Ensino Superior, que reúne 54 instituições de ensino superior. Formamos uma comunidade de mais de 35.000 pessoas, distribuídas em quatro *campi* universitários. Quantos de nós, por exemplo, conhecem todos os *campi* de nossa Universidade? Quantos de nós temos opinião formada sobre questões tão importantes para o nosso futuro como a da autonomia universitária e a do financiamento das universidades públicas? Quantos de nós temos conhecimento sobre ações e decisões que, sem terem sido objeto de qualquer discussão por parte da comunidade universitária e de seus conselhos e organismos de gestão, têm enorme impacto sobre o cotidiano de nossa Universidade? É o caso, por exemplo, de lei recentemente aprovada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo Presidente da República, criando a Procuradoria-Geral Federal.

Até a promulgação desta lei, as universidades escolhiam seus procuradores, todos eles admitidos

por concurso público, evidentemente, como convém a uma instituição republicana. Segundo a Lei nº 10.480, de 2 de julho de 2002, os organismos jurídicos hoje integrantes da nossa Universidade e de todas as outras universidades federais, passam para o âmbito da Procuradoria-Geral Federal. Com isso, o que nos parece gravíssimo, as universidades federais perdem sua representação judicial autônoma. Em outras palavras, elas não disporão mais do apoio de um corpo de procuradores por ela contratado e, portanto, de sua estrita confiança, para sustentar suas causas na esfera judicial.

Comete um grande engano quem pensa que esta medida nada tem a ver com o cotidiano de nossa universidade. Nenhuma instituição pode se imaginar "autônoma" se não pode constituir, ela própria, a defesa de seus atos, de sua política institucional, seja em que esfera for e, especialmente, junto ao poder federal. Como as universidades poderão dispor de alguma autonomia sem dispor de uma representação judicial autônoma, constituída por procuradores que lhe guardam fidelidade? Para nós, isto significa que, a partir da implementação da mencionada Lei, quando do questionamento jurídico de matérias tão diversas como o jubramento, a recusa de matrícula, as transferências, o reconhecimento de cursos, os contratos, os convê-

nios, as licitações e outros, a sustentação dos interesses da UFRGS poderá ser feita por procuradores que desconhecem a vida universitária e a complexidade das relações que lhe dão corpo. Sem falar que tal medida pode ter também como consequência atrasar o andamento dos processos.

Tenho dito, sempre que tenho oportunidade, que a universidade é uma *construção coletiva*. O tema da "autonomia universitária" é um dos mais importantes da agenda de questões que desa-fiam o futuro da universidade pública no Brasil. Sem dúvida, a questão da perda da representação judicial e extrajudicial autônoma parece "técnica", demais específica, coisa para especialistas. Contudo, é no tratamento político dado a estas questões ditas "técnicas" que muitas vezes se joga o nosso futuro.

Trago este tema aos leitores do *Bisturi* como um exemplo, para ilustrar a enorme responsabilidade que temos – todos nós, alunos, técnicos-administrativos e professores. Esta responsabilidade deve ser praticada no cotidiano de nossa Universidade. Por muitas razões e, sobretudo, porque todo membro da comunidade da UFRGS é antes de tudo um cidadão. Participar, debater, assumir posições, manifestar opiniões, este é um dos nossos mais consagrados direitos e, também, um de nossos mais preciosos deveres.

A RETOMADA DO SALÃO DO BAR DO ICBS

Alunos acampam em prédio da Universidade na tentativa de garantir um espaço de convivência

Durante 21 dias, acadêmicos dos cursos da saúde da Ufrgs acamparam no Salão do CASL no Instituto de Ciências Básicas da Saúde, na tentativa de reabrir o espaço de convivência dos quase 800 alunos que têm aulas naquele prédio. Entre os objetivos da Operação R, como a retomada ficou conhecida, estão a reabertura de um canal de diálogo com a direção do ICBS e a Reitoria, o cancelamento da licitação para construção de salas de aulas no Salão do Bar, e o seu reconhecimento oficial como espaço dos estudantes da UFRGS.

A Operação foi deflagrada em 21 de junho quando – após um ano de tentativas de negociação pela reabertura do espaço, e tendo recebido a notícia de que este seria reformado para abrigar

duas salas de aula – o CASL chamou representantes de todos os cursos da saúde e DCE para elaborar uma ação que pudesse restabelecer o diálogo e garantir um local de vivência para os estudantes. O fechamento ocorreu em abril de 2001 quando a direção do Instituto conseguiu retirar o Bar do Ildo, então um economato irregular. Com a saída do Bar, as portas foram fechadas também para os estudantes, sem que os acadêmicos fossem comunicados.

Na tentativa de reabrir o espaço, o Centro Acadêmico abriu na Reitoria o processo nº 23078018582/01-64, pedindo explicações sobre o ocorrido. O único avanço foi uma reunião no dia 25/07/2001 da Direção do Centro Acadêmico Sarmiento

Leite (CASL) com a Reitora Wranna Panizzi, o Vice-Reitor Carlos Hennemann e a Secretária de Assuntos Estudantis Beatriz Galarraga. Na ocasião, os alunos foram informados que nenhum projeto de obra no espaço fora apresentado oficialmente a Reitoria, e receberam a promessa de que nada seria feito ali sem que os estudantes fossem ouvidos. O Prof. Hennemann propôs que o CASL apresentasse um projeto de manutenção do salão, o que foi feito e encaminhado à Administração Central da Universidade em agosto de 2001.

AS PRESSÕES – Durante a ocupação, bolsistas e monitores foram ameaçados de perderem suas bolsas; monitorias de anatomia para a medicina foram dificultadas; as portas internas

foram lacradas alegando que a entrada externa do Salão oferecia riscos para a segurança do prédio e a negociação foi condicionada a saída dos acadêmicos do salão. Sem nenhuma garantia formal de que as negociações realmente ocorreriam caso se desfizesse o acampamento, todos os Diretórios e Centros Acadêmicos da Saúde decidiram que era preciso uma ação que forçasse de alguma maneira a Reitoria a intervir a favor de uma negociação. Assim, mais de 50 estudantes tomaram a Plenária do Conselho de Ensino e Pesquisa, em 10 de julho, impedindo que a sua seção iniciasse enquanto não fosse marcada reunião com a Direção dos cursos da Saúde,

ICBS, Reitoria e entidades estudantis.

AS NEGOCIAÇÕES – A partir daí, quatro reuniões foram marcadas com os representantes discentes e direções das faculdades que têm disciplinas no Instituto, além da direção deste e do Vice-Reitor. Apesar do canal de negociação aberto, as reuniões não avançaram. Os estudantes propuseram ceder metade do Salão para aulas e permanecer com a outra parte para o Espaço de Vivência, o que não foi aceito. Em verdadeiro clima de guerra, o Prof. Melo, Diretor do ICBS, informou que encaminharia o processo aberto na Procuradoria da Universidade por invasão de prédio público para a Polícia

Federal. Como resposta, os estudantes informaram que se isso acontecesse, seria pedido no TRF o cancelamento da licitação.

No momento do fechamento dessa edição, a última movimentação dessa luta travada pelos estudantes por respeito e diálogo foi uma reunião onde a Reitora Wranna garantiu um cronograma de obras para a sala administrativa do CASL. A proposta será submetida a Assembleia Geral.

O salão, que durante mais de 40 anos foi espaço de vivência legítimo dos estudantes, está perdido. Entretanto, o saldo dessa batalha não é de todo negativo, o respeito aos estudantes dessa universidade parece ter sobrevivido.

HISTÓRIA

O prédio que hoje é o ICBS pertencia à Medicina e foi inaugurado em 1924. Em 1954 foi terminada a obra da expansão do prédio que contemplaria um espaço para a Biblioteca, a Medicina Legal e o Centro Acadêmico Sarmiento Leite. Desde então o CASL passou a contar com um espaço privilegiado para eventos e reuniões sociais em geral, assim como possuíam na época os centros acadêmicos mais antigos, como o CEUE da Engenharia e o CAAR do Direito. Com a saída da Faculdade de Medicina do Prédio em 1974, o CASL continuou com aquela área, já que, como até hoje, muitos alunos da nossa Faculdade tem atividades todos os dias lá. Desde tempos imemoráveis – certamente mais de trinta anos – o bar era alugado pelo CASL a ecônomos para que a comunidade que freqüentava o prédio tivesse pequenos confortos como comprar um cafezinho, almoçar, fazer um lanche. Em 1991, com a intenção de regularizar a situação do economato do bar, o CASL solicitou à Universidade que abrisse um processo de licitação, o que foi feito e pode ser comprovado pelos editais publicados no Diário Oficial (Licitação para o Bar do Centro Acadêmico Sarmiento Leite). A licitação foi embargada

na justiça pelos patrões do Ildo (último dono do Bar), que eram os ecônomos na época e eles ganharam na justiça o direito de continuar com o economato. Em 1997, com a troca da Direção do ICBS, o novo diretor foi informado pelo Tribunal de Contas que a situação do Bar era irregular. Nessa época ele chamou a direção do CASL e informou que a partir daquela data era o ICBS que iria receber o valor do aluguel. Passados alguns meses, o Tribunal notificou novamente a irregularidade da situação. Com isto o diretor do ICBS decidiu não cobrar mais o economato; assim, até 2001 o Ildo ocupou aquele espaço sem pagar um tostão pra ninguém. No final de 2000, o atual diretor (o terceiro desde 1997) e o Conselho da Unidade conseguiram fechar o Bar do Ildo e decidiram tomar posse do espaço do CASL, proibindo todo e qualquer evento naquele local sem comunicar os alunos. Depois disto a Direção do CASL abriu processo na Reitoria e teve duas reuniões com a Reitora, que entre outras coisas disse que nada seria construído naquele prédio enquanto não se reformasse o telhado para evitar as infiltrações.

Roberto Umpierre – ATM 01/2
Presidente do CASL, gestão 2000/2001.



A movimentação dos estudantes durante a ocupação do Salão do ICBS

CASL – Pela Humanização da Medicina

CASL – Pela Humanização da Medicina

FUTUROS DOUTORANDOS FAZEM HISTÓRIA NA FAMED

Clarissa Carvalho - ATM 03/2

No dia 07 de julho de 2002, nas dependências do HCPA, mais precisamente na sala 160, um grupo de futuros médicos mostrou que é possível, com muita conversa e SEM NECESSIDADE DE SORTEIOS, satisfazer gregos e troianos. A divisão de estágios de doutorandos, famosa por costumar se estender por horas a fio (reza a lenda que no mesmo ano, outro grupo levou 6 h para realizá-la), durou, para os nossos heróis, apenas 2h45min !!! Todos, é claro, tiveram que ceder um pouquinho, afinal, é impossível o estágio perfeito, mas TODOS saíram satisfeitos com suas escolhas e felizes por ter sido tão rápido e tranquilo. Se é um feito inédito, eu não sei, mas que é HISTÓRICO, isso é! Parabéns aos colegas, em especial àqueles que se esforçaram mais para manter a atenção, maturidade e bom senso da gurizada (não preciso citar nomes; além disso, todos foram importantes). Além disso, um agradecimento especial à Lúcia: sem o pré-trabalho dela de digitar a preferência dos colegas para identificar áreas de maior demanda, essa divisão fantástica não teria sido possível. Não é à toa que, desde o 1º semestre de faculdade, alguns professores (de forma jocosa, é verdade) diziam se tratar de uma turma muito diferente das demais. Se ser diferente é ser unido, então viva a diferença! Valeu, galera, se a gente sobreviveu a isso sem se desarmonizar, nada nos segura mais! Era isso, falou!

Nota da redação

No último ano, os alunos passam por seis blocos de estágio, cada um de dois meses: Ginecologia, Pediatria, Medicina Comunitária, Cirurgia, Medicina Interna e Opcional. A turma é dividida em seis pequenos grupos de no máximo treze alunos, e esses grupos cumprem todos os estágios simultaneamente.

O problema é que a ordem é importante para algumas pessoas. Segundo Clarissa, da ATM 03/2, "os estágios em gineco e cirurgia são mais puxados, todos querem pegá-los antes para poder estudar para o exame AMRIGS no final: já quem quer fazer gineco no futuro quer pegá-lo no fim para ficar mais conhecido no serviço; tem quem queira fazer o opcional no meio do ano porque quer ir pro exterior ... isso dá a maior briga!".

Normalmente, as turmas acabam recorrendo ao sorteio para fazer a divisão, o que gera discussões, algumas brigas e muitas insatisfações.

MAJESTADE DA SILVA

Anajara Gazzalle ATM 05/1

É emocionante aguardar os longos quatro anos que separam as Copas do Mundo. Um grande evento, que consegue de uma forma ímpar unificar diversos países em uma só língua. Em qual outra ocasião a guerra travada nos campos acaba entre abraços dos adversários?

Apesar do abismo que separa a potência norte-americana do singelo Senegal, a senhora Inglaterra da gigante gelada Rússia, dentro do campo isso nada vale. Os mais arrojados surgem com penteados coloridos, espetados e raspados, e chuteiras que nunca foram foco de atenção hoje desfilam com cores berrantes, agradando ainda mais o evento.

A Copa cria um ambiente mágico,

onde a mistura de todas as culturas e modas pinta um quadro agradável de se apreciar. Toda mobilização nacional (leia-se Brasileira) não é leviana. Nas veias do país corre o futebol, ele já está expresso em nossos genes. Isso é tão contagiante que até estrangeiros ou seus descendentes acabam "infectados" com o calor do nosso povo e se entregam às maravilhas de torcer pela Seleção Canarinho.

Mundo afora, cada país torce fervorosamente pela sua equipe. É uma febre que iniciou no Brasil. Mesmo não tendo sido inventores do futebol, adotamos com sucesso a idéia. Os adversários da Copa reconhecem a soberania brasileira e têm como sonho enfrentar o Brasil. Mesmo perdendo, muitos se sentem

honrados. É nessa época, portanto, que somos os maiores reis. E o tapete da realeza, certamente, é verde.

IMÓVEIS

Maria Cristina

CRECI 17.661

Assessoria para
compra e venda

91666335

imlic@terra.com.br

PROVÃO 2002
Avaliação de verdade?

Entre as últimas semanas de Maio e a primeira de Junho, o debate sobre a validade do Provão como avaliação institucional esquentou na FAMED. Foram mais de 50 mensagens postadas na lista do CASL, além de uma assembléia dos estudantes e reuniões entre estes e com a Direção.

Este ano, os acadêmicos da medicina UFRGS decidiram não boicotar o Provão, aplicado dia 09 de Junho aos graduandos de 24 cursos em todo o país. As discussões acerca do tema foram tensas, a começar por uma reunião chamada pela Direção com os formandos em 29 de Maio, na qual representantes do Centro Acadêmico foram impedidos de participar. Na Reunião Ordinária do CASL de 4 de Junho, com a presença de 25 alunos, inclusive doutorandos, a maioria dos presentes posicionaram-se favoráveis ao boicote e convocaram uma Assembléia Geral para melhor discutir a questão. Nessa Assembléia, porém, a decisão foi de não entregar a prova em branco.

O DEBATE

Não há consenso entre os estudantes acerca da validade do Exame Nacional de Cursos, criado através da Lei nº 9.131, de 24 de Novembro de 1995, para avaliar as instituições de ensino superior do país. Muitos alegam que, além de ser uma prévia para a prova da AMRIGS, o Provão do MEC pode representar reais possibilidades de melhora para as universidades brasileira, inclusive fechando cursos que têm baixo desempenho.

Entretanto, é preciso considerar que há muita propaganda oficial em torno do Exame Nacional de Cursos,

e poucas ações de melhoria concreta das universidades, em especial as públicas. Ao usar a estatística de que mais de 90% dos estudantes inscritos para a prova de fato comparecem ao local do exame, o MEC não deixa claro, por exemplo, que a entrega dos diplomas está vinculada à assinatura da lista de presenças no dia da prova.

As notas não correspondem a conceitos padronizados como estamos acostumados durante a graduação, onde A corresponde a um desempenho entre 9 e 10, mas são determinadas pela média das notas individuais obtidas pelos graduandos na prova.

Em 2000, por exemplo, segundo dados do próprio MEC sobre a medicina, o conceito E variou de 19,7 a 36,8, com uma amplitude de 17,2, enquanto as médias dos cursos com conceito A variaram entre 50,5 e 55,6, com uma amplitude de 5,1. Fica claro que a diferença entre os conceitos A e E é estreita, permitindo observar apenas um ranqueamento e não a real qualidade dos cursos.

O sistema de avaliação prevê o fechamento das escolas que tiverem três notas D ou E consecutivas, mais um conceito insuficiente na Avaliação das Condições de Oferta.

A CRÍTICA

O exame inicialmente criado para avaliar as instituições e cursos de nível superior, vem se encaminhando paulatinamente para uma avaliação dos alunos. Prova disso é a proposta do Ministério de modificar a lei, incluindo no histórico escolar o desempenho dos universitários.

A medida já é discutida no Conselho

Nacional de Educação, e caso seja aprovada pelo Congresso, pode tornar a nota requisito para seleções de pós-graduação e entidades de classe como a AMRIGS. A esse respeito, o Conselho Nacional de Residência Médica, vetou a utilização dessa nota nos processos de seleção.

Na tentativa de enfraquecer o movimento estudantil, o MEC tem premiado os alunos que obtêm as melhores notas com bolsas da CAPES para mestrado, passando por cima do processo de seleção elaborado pelos Programas de Pós-Graduação, que concede tais bolsas, chamadas Bolsas por Demanda Social, a alunos já admitidos nos PPG's de acordo com o interesse e desempenho destes. Além de tentar modificar a LEI Nº 9.131/95, que regulamenta o Exame, para tornar obrigatório o registro da nota no histórico escolar, permitindo assim que ela seja usada em processos seletivos de pós-graduação e outros.

A crítica que se faz é que a prova nasceu para avaliar as instituições de ensino e a cada ano se concentra mais na avaliação do aluno.

Cabe lembrar que movimentos de avaliação das IES anteriores ao Provão, como o Programa de Avaliação Institucional da Universidade Brasileira (PAIUB) e a Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico (CINAEM), não receberam nenhuma atenção do MEC.

Para saber mais

www.inep.gov.br

www.plebiscitoprovao.hpg.ig.com.br

Reportagem: Gisele Neuls – Fabico

VIII EREM – SUS:

Compromisso de quem?

José Márcio Fogaça – ATM 06/1

Num dos primeiros finais de semana realmente frios do estado, cerca de 300 acadêmicos de Medicina da Regional Sul-I da DENEM (Santa Catarina e Rio Grande do Sul) se reuniram em Passo Fundo, entre 14 e 16 de Junho, para o VIII Encontro Regional dos Estudantes de Medicina (EREM).

Foram três dias discutindo Desenvolvimento Sustentável, Políticas Educacionais, Extensão Universitária, Trans-formação da Escola Médica e Políticas de Saúde (a oficina que rendeu grande número de adeptos e elogios).

As duas principais mesas de debate focaram o SUS, suas concepções e desafios. Com o tema “SUS: Compromisso de Quem?” (tema do encontro), a primeira mesa contou com a participação de Jorge Ernesto Zepeda, do Centro de Saúde Escola Murialdo, discutindo o compromisso do médico com o SUS; além de Letícia Machry de Pelegrini, da 1ª Coordenadoria Regional de Saúde, e Sandra Fagundes, professora da Universidade Estadual, que enfatizaram o compromisso com o SUS segundo a ótica do gestor de saúde.

Com o tema “Compromisso na Prática: Educação Médica e o SUS”, a segunda mesa trouxe o Coordenador do Curso de Medicina da UPF, Prof. Cezar Lorenzini, o acadêmico da UFRGS Felipe Proença de Oliveira, Assessor de Educação e Saúde da DENEM e Humberto Scorza, Coordenador do Conselho Municipal de Saúde/POA.

Ambas as mesas discutiram temas de grande interesse para a efetivação do Sistema Único de Saúde, mas a segunda mesa contou com uma peculiaridade: foi realizada dentro do alojamento dos estudantes, em uma grande roda e precedida por um ensaio de algumas músicas de Legião Urbana. Alguns não

gostaram, pois estavam descansando de uma noite de festas, mas outros aderiram à proposta e permaneceram até o fim.

XXXII ECEM DENEM no divã?

Realizada entre os dias 16 e 23 de julho último, no Colégio Pedro II – Unidade São Cristóvão, a 32ª edição do Encontro Científico dos Estudantes de Medicina foi tensa e provocou um acirrado debate sobre os rumos da DENEM entre os participantes do movimento.

Tradicionalmente, o ECEM é o momento em que se apresentam as candidaturas à Sede e Assessorias da Executiva para o ano seguinte, e é feita a eleição, onde todos os estudantes presentes têm direito a voz e voto. Este ano houveram duas candidaturas: Rio Grande do Sul e Maranhão/Pará. Felipe Proença, Marcos Breunig e José Márcio Fogaça, do CASL, se candidataram a Coordenador Geral, de Comunicação e Finanças, respectivamente; e Saraiva (UFMA), Galileu e Danilo (UEPA).

Como são raros os momentos de disputa para Sede, foi preciso organizar uma Comissão Eleitoral para propor uma metodologia de eleição que contemplasse a apresentação e debate das propostas das duas candidaturas, dado que no Estatuto da DENEM essa metodologia não está definida. Assim, a Convenção que ocorre sempre dois dias antes da eleição e em geral é espaço apenas de lançamento das candidaturas para as Assessorias e Sede, foi escolhida como momento de debate, no qual os estudantes poderiam conhecer as propostas dos candidatos à Sede e esclarecer dúvidas, ficando a Plenária Final apenas como espaço de votação. Cerca de 150 pessoas participaram da Convenção dia 20, que teve continuidade na Reunião de Órgãos Executivos na noite seguinte.

Nada tranquilo, este encontro foi marcado por uma fraca participação dos estudantes nas mesas e oficinas, além de um clima de polarização entre as

duas candidaturas. Assim, foi com espanto que a Plenária Final registrou aproximadamente 300 participantes, muitos motivados apenas pelo ato de votar para a Sede.

A Plenária não é apenas pautada pela eleição das Assessorias e Sede, mas um dos poucos momentos de grande participação dos estudantes para discutir políticas e ações da DENEM. Essa, especificamente, deveria discutir a participação da Executiva no Encontro de Entidades de Base – que deveria ser organizado pela UNE e a atual gestão dessa entidade se recusa a fazer; políticas de patrocínio para a entidade e o Fórum Nacional das Escolas Médicas Pagas. O que se viu foram muitas pessoas apressando estas importantes discussões para os rumos do movimento estudantil para que a votação fosse realizada logo e pudessem ir para uma festa.

Revoltados com essa situação – muito comum nos congressos da UNE, onde chapas aparelhadas por partidos políticos levam ‘boiadas’ exclusivamente para votar – os futuros assessores e assessoras se propuseram a retirar suas candidaturas caso o processo assim prosseguisse. A DENEM nunca aceitou aparelhamento de partidos políticos e esse não era o caso de nenhuma das candidaturas à Sede. Entretanto, na tentativa de preservar o movimento de uma votação de boiada, os candidatos do Norte propuseram que ambas as candidaturas à Sede se retirassem – o que foi feito.

O encerramento do Encontro foi permeado pela discussão da sua própria validade como momento de discussão nacional ou turismo estudantil; adequação do atual processo eleitoral.

PESQUISA, EXTENSÃO E DEBATE – a consigna do evento foi “Educação, Saúde e Construção da Cidadania” - discutido em mesas sobre Saúde Pública, Relações Internacionais e Intercâmbio e Crise da Gestão e Financiamento do Ensino.

Além desses debates, o Encontro teve ainda apresentação de trabalhos de

científicos e de extensão universitária, dentre os quais foi apresentado o Projeto Coxilha da Cruz, da FAMED. Nas oficinas, desde reanimação neonatal até a vida e obra de Rembrandt, passando pelo PINEM e Saúde Pública – que contou com a participação de um Promotor Público.

Para finalizar o encontro, realizou-se na Segunda-feira, 22, o Ato Público pela Saúde, em plena Cinelândia, centro do Rio de Janeiro. Os cerca de 100 participantes conversaram com a população sobre seus direitos de acesso à saúde, informaram sobre os riscos do tabagismo, DST/AIDS e dengue, além de prestarem orientação sobre problemas cardiovasculares. (GN)

FÓRUM DE NITERÓI Os RUMOS Da CINAEM

Marcos Breunig – ATM 06/1

Um pouco antes do ECEM, a Universidade Federal Fluminense recebeu, de 12 a 14 de julho, a representação de aproximadamente metade das escolas médicas brasileiras no II Fórum Nacional de Escolas Médicas. Este fórum se colocou na sequência de um primeiro encontro, realizado em Abril em Belo Horizonte, e centrou seu debate na continuidade do Projeto CINAEM (Comissão Interinstitucional Nacional de Avaliação do Ensino Médico). Foi promovido pela Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM), Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM) e Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense. Três acadêmicos da FAMED estiveram presentes: José Márcio, (CASL), Felipe Proença, Assessor de Educação e Saúde da DENEM e Marcos Breunig, Coordenador Discente da Regional Sul I da ABEM.

Do I Fórum (BH), onde se discutiu a permanência ou não da ABEM no Colegiado da CINAEM, chega-se à

Niterói fortalecido por uma decisão que afirma a CINAEM como um espaço de legítima precedência da comunidade acadêmica, (ABEM e DENEM) e estabelece estas entidades como legítimos interlocutores do projeto. Para tanto, constata-se que mudar os espaços deliberativos da CINAEM tornou-se uma das principais necessidades pela própria exigência de protagonismo das escolas nesta IV Fase. Coerentes com a relevância desta tarefa, este segundo fórum objetivou consolidar o Movimento para a Transformação da Educação Médica, com o aprofundamento de uma proposta de organização técnica, política e econômica.

A importância do encontro na atual conjuntura da educação médica brasileira, explicitou-se na preocupação de setores que, antes distantes da academia (como os gestores do sistema de saúde), hoje percebem a centralidade deste tema e expressam, como colocado na abertura do Fórum pelo Dr. Francisco Pinto (Sec. Saúde de Niterói), que “há uma grande preocupação com a percepção de interesses de ‘não-transformação’ da educação médica, sinalizados não só em cada encontro em que este debate se coloca, mas na realidade dos serviços e práticas de saúde”.

Ainda na abertura do evento, seguiu-se um painel sobre o “Estado atual do movimento de transformação da educação médica no Brasil”, ministrado pela Profª Regina Stella, Pres. da ABEM, e a Acad. Rosa Gouvea, Coord. Geral da DENEM. Encerrando a noite, o Profº. Jair Araújo - 2º Vice-Pres. da ABEM apresentou a Proposta Estruturante para o Movimento de Transformação, sistematizada em reunião prévia da Diretoria da ABEM e oferecida para a discussão das oficinas do encontro.

O sábado foi de intenso trabalho, organizado em oficinas regionais e

aprofundou os temas da proposta estruturante como os eixos, operações e ações – docência, gestão, processo de formação e avaliação –, bem como a organização política de seus momentos deliberativos e executivos, a sua organização econômica e viabilização financeira além de uma agenda anual de reuniões.

O domingo encerrou o encontro com a apresentação dos relatórios parciais em plenária final, cujos resultados devem ser discutidos em cada escola médica antes do próximo Congresso da ABEM, a realizar-se em Fortaleza, em Setembro próximo (www.abem-educmed.org.br).

Entendemos como fundamental a realização prévia desta discussão, porque, ao contrário de propostas como o PROMED (Programa de Incentivos às Mudanças Curriculares nos Cursos de Medicina – Ministério da Saúde e da Educação), neste paradigma não é suficiente uma proposta de integração com o sistema de saúde se a mesma está limitada a uma pequena parte da rede e se não é entendida como o espaço real em que uma escola médica deve apresentar seu impacto e sua contribuição social.

Primeiro devemos ter clareza de que não se faz transformação da escola enquanto seu olhar não estiver voltado para as necessidades sociais em saúde. O marco teórico, resultante da CINAEM, deixou claro no paradigma proposto, quatro linhas de transformação: ênfase nas ações que repensam e incidem sobre a docência profissionalizada, um eixo de exposição à aprendizagem centrada nas necessidades de saúde da população, o processo de formação centrado no aluno e a gestão da escola médica.

Em Fortaleza serão rediscutidos os rumos da CINAEM, inclusive seu colegiado, que passa a ser executivo. É fundamental que a nossa participação tenha clareza do debate a ser realizado.

UMA IMAGEM, VÁRIAS LEITURAS**Cientista social entra no mundo dos médicos e das videografias do coração****Antonio Roberto Fava**

Ao contrário do que se poderia supor, nem sempre o diagnóstico de um médico, é compartilhado pelos demais integrantes de uma mesma equipe médica: as opiniões diferem devido a leituras divergentes sobre um mesmo exame.

Ao longo de 12 meses, a cientista social Rosana Horio Monteiro permaneceu nos Estados Unidos levantando dados para sua tese de doutorado “**VIDEOGRAFIAS DO CORAÇÃO. UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DO CATETERISMO CARDÍACO**”, defendida no Instituto de Geociências da Unicamp, no Departamento de Política Científica e Tecnológica.

Durante cinco meses, Rosana freqüentou o laboratório de cateterismo cardíaco do Albany Medical Center, hospital-escola americano considerado referência na região de Troy, norte do Estado de Nova York. Acompanhando um grupo de sete jovens médicos, com três anos de residência médica, e em fase de especialização em áreas específicas da cardiologia, Rosana investigou como o conhecimento médico é produzido e reproduzido por meio do uso de imagens.

Combinando elementos da literatura sobre mundos sociais e da sociologia e antropologia da medicina, Rosana explica que a interpretação das imagens pode estar ligada à posição social, ao status, ao gênero, à experiência e à formação acadêmica do médico, à sua hierarquia profissional e posição na instituição em que atua.

“Na minha tese, argumento que a imagem bidimensional do coração que o médico ‘vê’ produzida pelo cateterismo não é simplesmente a representação objetiva e neutra de um

processo que ocorre no coração. O médico enxerga o que aprendeu a ver, o que disseram para ele que tem que ser visto”, afirma Rosana. Aí é que ocorrem algumas divergências de opiniões. Os médicos vêem a imagem do funcionamento do coração através de filtros que dependem de seus compromissos, suas crenças e preferências de todos os tipos.

Diagnósticos – O que a preocupava, no entanto, é como as imagens fornecidas pelo cateterismo eram lidas pelos profissionais daquele hospital americano, como eles interpretavam os exames de forma a elaborar seus diagnósticos. “Eu estava interessada em entender como o conhecimento médico é construído e produzido a partir da leitura das imagens específicas do cateterismo cardíaco”. Rosana optou por um hospital-escola porque estava interessada não apenas em acompanhar o ambiente onde os exames eram realizados, mas também um lugar onde fosse possível observar o processo de aprendizagem.

Os jovens médicos, cirurgiões, cardiologistas, juntamente com técnicos de raios-X, técnicos em informática e enfermeiros, entre outros especialistas, se reuniam uma vez por semana para observar e discutir as imagens produzidas pelo cateterismo. Tais imagens traziam, de certo modo, alguma peculiaridade – ou porque eram casos atípicos ou porque configuravam casos freqüentes ou casos que poderiam gerar dúvidas com relação a diagnósticos e prognósticos apontados pelos médicos responsáveis pelo caso em discussão.

O que Rosana buscava era exatamente identificar que tipo de divergência ocorria entre os médicos com relação à leitura e à interpretação

das imagens. “Pude observar que em casos em que as obstruções coronarianas eram em torno de 90%, por isso mesmo bem visíveis, praticamente não havia divergência entre os profissionais do hospital”, explica. No caso de leitura de obstruções mínimas, menos de 40%, não havia necessidade de intervenção cirúrgica. No entanto, Rosana observou que eram as lesões intermediárias que geravam as principais divergências, em que o discurso dos médicos estudados dependia, entre outros fatores, de sua área de especialização. Por exemplo, se era um profissional com larga experiência que realizava cateterismo como ferramenta de intervenção para desobstruir a artéria (angioplastia), se fazia o exame somente para diagnóstico (‘cardiologia invasiva’), se era um clínico-geral.

Com isso, Rosana conclui que a interpretação das imagens parece estar ligada à posição social, à experiência e à formação acadêmica do médico. Como se não bastasse, essa interpretação está intimamente relacionada à posição do médico na hierarquia profissional e à reputação da instituição em que ele atua. O que esses médicos “vêem” é o que “aprenderam a ver” com base em compromissos, vínculos com determinadas tradições de pesquisa adquiridos durante a formação acadêmica, na prática profissional com a instituição em que atuam, em suas áreas de especialização, e como integrantes de determinados mundos sociais”, avalia a pesquisadora.

Fonte: Jornal da Unicamp - 17 a 23 de junho de 2002 (transcrição parcial)

Para saber mais

[/www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje](http://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje)
[/www.cardiologiatransdisciplinaria.8m.com/scoba.htm](http://www.cardiologiatransdisciplinaria.8m.com/scoba.htm)

REUNIÕES E OUTRAS ATIVIDADES

AGOSTO

17 e 18 – Reunião das Escolas do RS,
na FURG, Rio Grande

24 e 25 – Reunião da Regional Sul 1
da DENEM, Florianópolis

26 a 28 – Eleições para o DCE UFRGS

SETEMBRO

1º a 7 – Plebiscito da ALCA

CONGRESSOS E SEMINÁRIOS

AGOSTO

30 a 1º – CENEPES Sudeste 1 – HU's
SETEMBRO

6 a 8 – I Congresso Gaúcho dos
Estudantes Universitários da Saúde –
Porto Alegre/RS

10 a 13 – Congresso da ABEM –
Fortaleza – CE

7 e 8 – Fórum Nacional das Escolas
Médicas Pagas

OUTUBRO

18 a 20 – Seminário do CENEPES –
Belo Horizonte (MG) – Extensão
Universitária

NOVEMBRO

14 a 17 – Encontro Nacional de
Entidades de Base, Uberlândia,
Organizado pelo DCE da UFV

CURSOS E ONCURSOS

Curso de Extensão Financiamento das
Políticas Sociais: o caso do Ministério da
Saúde, ministrante Prof Roger dos Santos Rosa.
Dias 30 e 31 de agosto, inscrições na sala 407
do Ciclo Básico UFRGS, R\$ 10,00. Promoção
CASL e CAEA.

Polemos – Temas Polêmicos, 1ª Edição, de
9 a 13 de setembro. Abordará os temas:
Hedonismo, Fome, Desigualdade, Homoero-
tismo e Diferença, Aborto. No HCPA;
inscrições para estudantes, R\$ 10,00 até 30/08.

Curso de Extensão Atuando em
Primeiros Socorros, de 10/09 a 10/10,
turno da noite, inscrições na Escola de
Enfermagem da UFRGS, até 06/09, R\$ 15,00.

2º Prêmio Saúde Brasil, selecionará trabalhos
socialmente responsáveis com interação com a
comunidade. Inscrições até 04 de outubro.
Informações www.saudebrasilnet.com.br

XIV Salão e XI Feira de Iniciação
Científica da UFRGS, de 2 a 6 de dezembro,
na Esf – Campus Olímpico. As inscrições para
estudantes da UFRGS são R\$ 9,00 para quem
apresenta trabalhos e R\$ 5,00 para ouvintes,
até 19 de setembro.

ECOGRAFIA MAMOGRAFIA ALPHA

CLÍNICA DE ULTRA-SONOGRAFIA

Particular e Convênios

Atendemos aos Sábados

Tel.: (51) 3227-1267 e 3225-1701

Praça Dom Feliciano, 78/Cj. 206 – Centro/POA

Livraria Bio-Médica Barba

O Mundo em Livros Técnicos

MEDICINA
ODONTOLOGIA
FARMÁCIA
BIOLOGIA
ED. FÍSICA
NUTRIÇÃO
PEDAGOGIA
FONOAUDIOLOGIA
ENFERMAGEM
VETERINÁRIA



Av. Osvaldo Aranha, 1407 - loja 22
Gal. Bom Fim, em frente ao HPS
Tel.: (51) 33330137 - Tele-entrega Grátis
E-mail: p.barba@terra.com.br

BANNERS POSTERS CARTAZES

PLOTAGENS



Impressões em
grandes formatos
fone: 3338-8492
info@gastudio.com.br
www.gastudio.com.br

sul brasileira de raios X Ltda.

EQUIPAMENTO MEDICO CIRÚRGICO HOSPITALAR

TUDO PARA SUA PROFISSÃO

Instrumental Cirúrgico

Aparelhos de pressão, estetoscópios, etc.

Bisturis eletrônicos, estufas, nebulizadores

Material de consumo

Móveis de Escritório e Hospitalares

Av. Cristóvão Colombo, 670 ■ 3228-2233 - Porto Alegre
sbraiosx@terra.com.br

Não nos deixaríamos queimar
por nossas opiniões: não
estamos tão seguros delas. Mas,
talvez, por podermos ter nossas
opiniões e podermos mudá-las.
(Nietzsche)

SHIANNA MELO

Se completou
Da vida
Ficarei feliz em saber que o ciclo
E eu ...
E nascerão e viverão por so só
Um dia esses frutos crescerão em mim
E semente a se espalhar.
E pomar sempre regado
Minha infância, no entanto, é fruta que não acaba
Com minha maturidade
Fruta que eu devoro todos os dias
Cheiro de infância que tem gosto de fruta
Alucinação, talvez, é o
Minha ilusão ou sonho,
De onde viriam esses sentidos?
Um belo gostoso, um impulso incontrolável
Um doce alago, uma memória
São, às vezes, inesperadas.
As sensações geradas
Os binas que nos informam, meros impulsos
Minúsculas partículas que rolam por sobre a mucosa

MEU POMAR

Alívio

Não perco meu coração desde a última vez que nasci
e lancei,
Um verso atingiu o olho único da solidão-monstro
e assopro,
Os outros carregam poeira por poeira da pedra-vazio
e suporte,
Nos meus ombros fica assim o peso da atmosfera
depois que o poema voa.

RODRIGO CAPRIO L. DE CASTRO

Metamorfosando

Sou pedra, pau, lodo, barro.
Material pesado, sem brilho e crasso,
Daquelles que aos montes se encontram aos cantos
Puídos, surrados, usados, largados.
Um dia, confesso, quisera eu ser água.
Límpida, honesta, incessante,
Que os mais duros golpes não deformam.
Necessária, buscada e confortável.
No entanto, hoje, mais roto que em outrora lamento
seu destino:
Correr sempre a mesma;
Ser gás disperso e duvidoso;
Ou preservar-se em sólido,
Desses frios, traslúcidos de dureza questionável
Em que sofre o potencial aquífero
Sob as normas rígidas de uma forma de gelo.

Rodrigo Savano

QUERIA

Queria um dia
Ser um buquê de rosas vermelhas
Sentir teu rosto mergulhando
Procurando meu perfume
Para então apreciar-te emergir
Ainda minhas pétalas gotejando.

Queria uma noite
Ser lençóis recém-trocados
Sentir teu corpo quente
Envolvendo-me em tuas maiores intimidades
Para então descansar sobre ti te acariciar a cada
movimento teu
Querendo que a noite fosse eternidade

Queria uma vida ser um fio do teu cabelo
Sentindo tuas mãos a me perfumar
Perfume de rosas vermelhas
Para quem sabe uma noite
Sob teus lençóis recém-trocados ficar

E.M.W.